

(Tradução)

Lucerne (Suíça), 16 de maio de 1999

A família é o futuro

Sua raiz trinitária

A família está indissolúvelmente entrelaçada ao mistério da própria vida de Deus, que é Unidade e Trindade: «Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: «Sede fecundos, multiplicai-vos; enchei a terra...» (Gn 1, 27-28)

E quando alguém pediu a Jesus que falasse sobre o matrimônio, ele citou exatamente essa frase do Gênesis, recomendando reportar-se «ao princípio» para entender alguma coisa do mistério do amor conjugal.

Quando Deus criou o gênero humano, plasmou uma família, isto é, um homem e uma mulher chamados à comunhão, à imagem do mistério do amor do seu próprio ser; chamados à fecundidade e ao uso de toda a Criação, à semelhança da inesgotável paternidade de Deus.

«À luz do Novo Testamento» – afirma João Paulo II – «é possível vislumbrar como o modelo original da família deve ser procurado no próprio Deus, no mistério trinitário da sua vida. O "Nós" divino constitui o modelo eterno do "nós" humano; e, em primeiro lugar, daquele "nós" que é formado pelo homem e pela mulher, criados à imagem e semelhança de Deus»¹.

Exatamente aqui a família lança as suas raízes.

O mistério do amor compreende certamente toda a Criação. As leis da natureza são leis de amor e o amor humano resume e sublima este contínuo jogo de unidade e distinção.

Guardiã da vida e depositária das relações de amor

O amor humano tem as suas estações. Começa com o enamorar-se, como uma centelha do amor de Deus para "acender" uma família. Um lampejo que ilumina com luz nova a pessoa amada, uma novidade que transforma a vida, que dá felicidade e entusiasmo para partirem juntos numa viagem da qual não se vê o fim. É como que o patrimônio genético de um casal.

Depois vem a estação dos frutos, do crescimento, da consolidação. As situações mudam, o próprio ser do homem no tempo evolui e se transforma. O amor conhece outros momentos, outros sabores, outras expressões e a capacidade de amar deve renovar-se continuamente.

O futuro dos esposos está todo contido nesta dinâmica que os faz ser uma só coisa de modo indissolúvel. Um futuro que os conduz além deles mesmos, em especial por meio da geração de novas vidas.

De fato, a fecundidade conjugal tem múltiplas expressões, a mais típica das quais é o florescer de novas vidas humanas.

Na procriação, os esposos cooperam com a ação criadora de Deus que, por meio deles, alarga a sua família na terra. Escreve Bonhoeffer: «Deus torna os homens e as mulheres partícipes do seu contínuo ato criativo. Os pais acolhem de Deus os seus filhos, que a ele devem retornar»². Na criança que nasce, que vem à luz, está o modo típico de os esposos, de certa forma, darem Deus ao mundo.

¹ Cf. João Paulo II, Carta às famílias, 6, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XVII (1994) 1, Città del Vaticano 1996, p. 261.

² Da una predica di D. Bonhoeffer dal carcere militare di Berlino in occasione di uno spozalizio, maio de 1943

A paternidade é uma etapa importante do futuro da família. É um acender-se e multiplicar-se de novos relacionamentos, um fenômeno que aumentará à medida que a experiência da família progride no tempo. Assim, a família se torna um tesouro, um admirável entrelaçar-se de relações de amor, de familiaridade, de amizade; amor nupcial entre os esposos, amor materno-paterno pelos filhos, amor filial pelos pais, amor fraterno entre os filhos, amor dos avós pelos netos e vice-versa, pelos tios, pelos primos, pelos amigos de casa, pelos vizinhos... Deus realmente pensou na família como uma misteriosa joia entrelaçada de amor.

Dimensão social e influência na sociedade

A família se transforma, neste percurso, da unidualidade homem-mulher para a comunhão de pessoas, como uma fonte que do fresco e generoso jorro inicial, se torna aos poucos riacho que fecunda uma superfície cada vez mais vasta.

A família se faz, desse modo, geradora de socialidade. Cícero já a definia «princípio da cidade e como que sementeira do Estado»³.

Sendo recurso para os seus componentes nas diversas estações da vida, e sendo criada por Deus à imagem do seu mistério de amor, a família é o modelo ideal para qualquer sociedade humana. Já em 1993, num congresso realizado em Roma, em preparação ao Ano Internacional da Família, comuniquei este meu pensamento⁴, evidenciando a riqueza dos valores inerentes à família quando ela está em sintonia com os desígnios de Deus. Valores que, projetados e aplicados à humanidade, podem transformá-la numa grande família: valores como a comunhão, a solidariedade, o espírito de serviço, a reciprocidade - que se apresentam, por assim dizer, como coisas "normais" na convivência familiar - poderiam ser uma novidade revolucionária para estruturas institucionais esclerosadas e pontos de referência para uma nova ordem social.

No mundo já existem estruturas e instituições para o bem da pessoa humana, mas é preciso humanizar essas estruturas, dar-lhes uma alma, de modo que o espírito de serviço atinja aquela intensidade, aquela espontaneidade e aquele estímulo de amor pela pessoa, que se respira na família⁵.

Para essa autêntica e profunda revolução social não são necessárias grandes mudanças. Bastaria que cada família fosse verdadeiramente ela mesma, e se sentisse questionada pelo veemente apelo de Baden-Powell, fundador do escotismo: «Família, torne-te aquilo que és!»⁶.

Situação da família na atualidade

Se observarmos a situação internacional da sociedade que nos circunda, estas nossas breves reflexões sobre o que é e o que deveria ser a família podem parecer uma ingênua utopia.

A mundo ocidental foi invadido por uma cultura individualista, preocupada sobretudo em classificar e valorizar o homem e a mulher segundo as necessidades e o consumo. De tal modo, em vez de ser dom divino de relação, a sexualidade torna-se um ídolo inimigo da integridade do homem, cada vez mais separada do amor e da fecundidade. Vive-se de emoções capazes de jogar com os indivíduos, compondo, descompondo e recompondo os casais, destruindo aquela confiança fundamental na estabilidade dos sentimentos, que é indispensável à vida familiar⁷.

³ Cf. T. Sorgi, *Costruire il sociale. La persona e i suoi piccoli mondi*, Roma 1991.

⁴ Cf. *supra*, pp. 267-269.

⁵ Cf. AA.VV., *Familyfest, una proposta per il 2000*, Roma 1993, p. 11.

⁶ Cf. C. e L. Gentili, *Per star bene in famiglia*, Roma 1998, p. 11.

⁷ Cf. G. Di Nicola - A. Danese, *Amici a vita*, Roma 1997, p. 39.

Os filhos são as primeiras vítimas de tais situações, privados como são da referência da unidade dos pais e vítimas da fragmentação dessas figuras em numerosos e sucessivos pseudogenitores.

«A família», escreve Bovet, «é como um "organismo", e os seus membros são como os seus órgãos. Assim como a cada organismo pertencem cabeça, coração, células, assim à família pertencem pai, mãe e filhos. Os filhos devem poder experimentar um profundo e pleno relacionamento com o pai e com a mãe para poderem honrá-los e amá-los»⁸.

Hoje, contudo, o vínculo matrimonial estável parece quase estar em contradição com a liberdade pessoal. Mais que os valores relacionais, enfatizam-se as diferenças e as conflitualidades.

A crise da instituição familiar pode ser entendida como um fenômeno social, mas não é apenas isso. Comemoramos há pouco o 50º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos, uma "carta" fundamental para a convivência civil, uma etapa importante para a sua humanização. Entretanto, as violações patentes e encobertas desses direitos são inúmeras, invadem os nossos meios de comunicação e encham-nos de tristeza. E são todas injustiças que, em última análise, recaem sobre a família, a menor e mais indefesa parte da sociedade.

A família é hoje, em certo sentido, o "receptáculo" da dor da humanidade. Não existe sequer uma agência de estatística mundial que possa dar-nos a dimensão deste fenômeno. Podemos apenas fazer-nos algumas perguntas: quantos parceiros separados e frustrados? Quantas crianças privadas de um pai ou de uma mãe? Quantos filhos caíram na dependência das drogas? Quantos no redemoinho da delinquência e da prostituição? Quantos esposos e filhos foram arrebatados pelas guerras? Quantos anciãos estão abandonados? Quantas crianças morrem de fome a cada dia? Quantos doentes terminais se apagam no gelo da indiferença? E quantos são os incuráveis? E o que dizer do mundo dos diversamente hábeis?

Podemos representar plasticamente a família contemporânea com uma imagem: uma mãe ferida e desolada, que recolhe em seu seio o sofrimento da humanidade e grita aos céus o seu "por quê?"

É uma situação que deixa quase sem respiro. E nos perguntamos: qual o futuro da família? Ou pior: existe um futuro para a família?

Jesus abandonado

Diante do grande mistério da dor, ficamos desorientados.

Existe na Bíblia um ápice de dor, expresso através de um "por quê" gritado ao Céu. Quem a transmite é o evangelista Mateus, narrando a morte de Jesus: «Às três horas, Jesus grita em alta voz: "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?"» (Mt 27, 46).

Cristo chegou àquele momento passando por uma gama de sofrimentos devastadores; o medo angustiante, a traição e o abandono dos seus, um processo injusto e maquinado, a tortura, a humilhação, a condenação à cruz, pena capital reservada aos escravos e que talvez nós hoje não consigamos avaliar na sua crueldade destruidora da pessoa e da sua memória.

No fim, aquele grito inesperado e que deixa entrever o drama do Homem-Deus, «por que me abandonaste?» é o ápice das suas dores, é a sua paixão interior, é a sua noite mais escura. Ele, que tinha dito: «Eu e o Pai somos uma coisa só» vive a trágica experiência da falta de unidade, da separação de Deus. E isso porque, por amor do homem, tomou sobre si todo o negativo, todo o pecado da humanidade.

Naquele abandono, expressão última e maior do seu amor, Cristo atinge a extrema anulação de si mesmo e reabre aos homens o caminho da unidade com Deus e entre eles. Naquele "por quê?", que para ele ficou sem resposta, todo o grito do homem encontra resposta. Não é semelhante a ele o angustiado, o só, o fracassado, o condenado? Não é uma imagem dele cada divisão familiar, entre grupos e entre povos? Não é a figura de Jesus abandonado quem perde, por assim dizer, o sentido de Deus e de seu

⁸ T. Bovet, *Situazione dei cristiani nel mondo*, Zurigo 1944.

desígnio sobre a humanidade, ou, quem não crê mais no amor e aceita em seu lugar qualquer substituto? Não existe tragédia humana nem fracasso familiar que não estejam contidos na escuridão que se abate sobre o Homem-Deus. Com aquela morte ele já pagou tudo; assinou um cheque em branco, capaz de conter a dor e o pecado da humanidade que existiu, que existe e que existirá.

Naquela tremenda experiência, como que um divino grão de trigo que apodrece e morre para restituir-nos a vida, ele nos revela também a verdade de maior amor: ser capaz de dar tudo de si, de fazer-se nada pelos outros. «O sinal de Deus que anula a si mesmo», escreve Balthasar, «fazendo-se homem e morrendo no mais completo abandono, explica porque Deus tenha aceitado (...) tudo isto: correspondia desse modo à sua natureza que é manifestar-se como um amor sem medidas»⁹.

Por meio daquele vazio, daquele nada, voltou a fluir a graça, a vida de Deus ao homem. Cristo refez a unidade entre Deus e a Criação, recompôs o desígnio, fez homens novos e, por conseguinte, famílias também novas.

A família pode recompor-se no seu esplendor

O grande evento do sofrimento e do abandono do Homem-Deus pode, portanto, tornar-se o ponto de referência e a fonte secreta capaz de transformar a morte em ressurreição, os limites em ocasiões para amar, as crises familiares em etapas de crescimento. Como?

Se olharmos com olhos somente humanos o sofrimento, as possibilidades são duas: ou vamos terminar numa análise sem saída, porque dor e amor fazem parte do mistério da vida humana; ou então procuramos remover aquele empecilho incômodo, fugindo para outras direções.

Mas se acreditarmos que por trás da trama da existência, está Deus com o seu amor e se, fortalecidos por esta fé, percebermos nos pequenos e grandes sofrimentos do dia a dia, nossos e dos outros, uma sombra da dor de Cristo crucificado e abandonado, uma participação na dor que redimiu o mundo, será possível compreendermos o significado e a perspectiva até mesmo das situações mais absurdas.

Diante de qualquer sofrimento, grande ou pequeno, diante das contradições e dos problemas insolúveis, experimentemos penetrar em nós mesmos e olhar de frente o absurdo, a injustiça, a dor inocente, a humilhação, a alienação, o desespero... Reconhecemos neles um dos tantos semblantes do Homem das dores.

É o encontro com ele, que de "Pessoa divina" se tornou indivíduo sem relacionamentos. É o Deus do homem contemporâneo, que transforma o "não ser" em "ser", a dor em amor. Será o nosso "sim", o nosso gesto de amor e de acolhimento a ele que começará a desfazer o nosso individualismo, fazendo-nos homens novos, capazes de curar e revitalizar, com o amor, as situações mais desesperadoras. Mas é possível tudo isto?

Podemos mencionar duas experiências emblemáticas.

Claudette, uma jovem esposa francesa, foi abandonada pelo marido. Tinha um filho de um ano. O ambiente fechado da província e da sua família leva-a a pedir o divórcio. Neste meio tempo conhece um casal que lhe fala de Deus, de um Deus que está bem perto de quem sofre: «Jesus ama você» – dizem-lhe –; também ele, como você, foi traído e abandonado; nele você pode encontrar a força para amar, para perdoar». Lentamente vai desaparecendo nela o ressentimento e começa a mudar de atitude. Também o seu marido nota a mudança. Quando se encontram diante do juiz para a primeira audiência, Claudette e Lourenço se olham de modo novo. Aceitam rever a situação por seis meses. Retomam os contatos entre eles e no momento em que o juiz os convoca para sancionar o divórcio, respondem «não» e descem de

⁹ Cf. H.U. von Balthasar, *Solo l'amore è credibile*, Torino 1991, p. 143.

mãos dadas as escadas do tribunal. O nascimento de outras duas filhas alegrará um amor que na dor colocou raízes profundas.

E ainda. Uma bela família, justamente da nossa Suíça, uma noite recebe do próprio filho a notícia de que ele é dependente de drogas. Tentam tratá-lo, mas é em vão. Um dia não volta mais para casa. Sentimentos de culpa, medo, impotência, vergonha.

É o encontro com Jesus abandonado, em uma típica chaga da nossa sociedade. Eles o abraçam nesse sofrimento e parece-lhes ouvir no coração: «O amor verdadeiro se faz um com o outro, entra na sua realidade...». Os pais se abrem à solidariedade, vão ao encontro desses sofrimentos. Organizam um grupo de famílias que levam lanches e chá aos jovens da Platzspitz, que então representava o inferno da droga em Zurique. Lá um dia, reencontram o próprio filho desfigurado, destruído. Com a ajuda também de outras famílias foi possível iniciar e levar até o final seu longo caminho de recuperação.

E poderíamos continuar...

Não são sonhos, são as experiências cotidianas de muitas famílias que, por meio do plano inclinado do abandono do Homem-Deus, mudaram a imensidão da sua dor em uma vida nova.

Às vezes, os traumas são remediados, as famílias são unidas novamente, às vezes não. As situações externas permanecem como antes, mas a dor é iluminada, a angústia é serenada, a fratura é superada. Às vezes, o sofrimento físico ou espiritual permanece, mas adquire um sentido, quando se une o próprio sofrimento à Paixão de Cristo, que continua a redimir e a salvar as famílias e a humanidade inteira. E então o jugo se torna suave.

A família pode, portanto, tentar recompor-se no esplendor original do desígnio do Criador, sorvendo da fonte de amor que Cristo trouxe à terra.

Penso que os esposos e as famílias podem saciar naquela fonte toda sede de autenticidade, de comunhão contínua e sem reservas, de valores transcendentais, duradouros, sempre novos. Até porque é o próprio Deus que pode fazer-se presente na casa deles, para compartilhar com eles a sua própria vida. Jesus disse: «Onde dois ou mais estiverem reunidos no meu nome – ou seja, no meu amor –, ali estou eu no meio deles» (Mt 18, 20). É uma esplêndida possibilidade oferecida também à família: tornar-se lugar da presença de Deus.

Para uma família que vive assim, nada é alheio, daquilo que acontece ao seu redor. Sendo simplesmente aquilo que é, ela tem a capacidade de testemunhar, anunciar, sanar o tecido social ao seu redor, porque a vida fala e opera por si só. É experiência minha que a família sabe abrir casa e coração às urgências e aos dramas que invadem a sociedade, às suas solidões, às suas marginalizações. Sabe até mesmo concretizar e organizar a solidariedade em círculos cada vez mais extensos, chegando a promover ações eficazes para influir junto às instituições, bloquear leis e disposições errôneas, orientar os políticos.

Pela presença e atividade dos seus membros nos vários segmentos sociais, a família sabe também entrar em diálogo com as instituições, encontrar os meios para atender às necessidades concretas, criar a consciência e as premissas para adequadas políticas familiares e para formar correntes de opinião fundadas sobre valores. Creio que para o mundo não exista coisa mais bela do que uma família assim. Porque, perguntamo-nos, o que busca a humanidade? A felicidade. E onde a procura? No amor, na beleza; e para obtê-la está disposta a qualquer coisa. Lá, naquelas famílias, existe a plenitude do amor humano e a beleza do amor sobrenatural.

Eu conheço famílias assim e são maravilhosas! Elas exercem uma grande atração sobre todos. Aparentemente parecem famílias como as outras, mas escondem um segredo, um segredo de amor. A dor amada as une a Cristo que mora nos seus lares, atraído pelo amor recíproco que as une, e com estas famílias, transforma o mundo.

Conclusão

Quis partilhar com todos estes pensamentos que tirei do profundo do meu coração e da experiência de tantas famílias. Gostaria de despertar em todos nós um compromisso concreto de ação em todas as formas e de todos os modos possíveis para o verdadeiro bem da família. É extremamente importante a saúde da primeira célula da sociedade para o destino da humanidade.

«Salvar a família», escreve o grande escritor católico, Igino Giordani, «é salvar a civilização. O Estado é feito de famílias; se estas decaem, também aquele vacila»¹⁰. E diz ainda: «Os esposos se tornam colaboradores de Deus dando à humanidade vida e amor. (...) Amor que da família se expande para a profissão, para a cidade, para a nação, para a humanidade. É uma distribuição em círculos como uma onda que se propaga até o infinito. Há vinte séculos arde uma inquietude revolucionária, ateadada pelo Evangelho, e requer amor».¹¹

(*Nuova Umanità*, 21 [1999/5], 125, pp. 475-487)

¹⁰ I. Giordani, *Famiglia comunità d'amore*, Roma 1994, p. 15.

¹¹ I. Giordani, *Il laico Chiesa*, Roma 1988, pp. 107ss.